



O espaço físico institucional da creche e a educação das relações étnico-raciais

The physical institutional space of the daycare center and the education of ethnic-racial relations

DOI: 10.54019/sesv3n2-007

Recebimento dos originais: 21/02/2022
Aceitação para publicação: 31/03/2022

Aretusa Santos

Doutora em Educação

Instituição: Prefeitura de Juiz de Fora

Endereço: Rua Elmaia Cunha, 150/403G – Jardim de Alá, Juiz de Fora – MG

CEP: 36030-660

E-mail: saaretusa@gmail.com

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora

Endereço: Rua José Lourenço Kelmer - São Pedro, Juiz de Fora – MG

CEP: 36036-900

E-mail: anarosamaio6@gmail.com

Letícia de Souza Duque

Mestre em Educação

Instituição: Escola Hub

Endereço: Rua Vitorino Braga, 1056/101 – Vitorino Braga, Juiz de Fora – MG

CEP: 36036-000

E-mail: leticiadesduque@gmail.com

RESUMO

O trabalho discute uma experiência de formação em serviço de educadores de uma creche municipal de Juiz de Fora/MG, focalizando as implicações do espaço físico enquanto elemento importante e indispensável da proposta curricular de cuidado e educação da infância de 0 a 3 anos. Os pressupostos teórico-metodológicos estão ancorados na abordagem sócio-histórico-cultural de Vigotski, para a qual o ser humano constitui-se nas e pelas relações sociais e culturais marcadas por suas historicidades, em diálogo com autores que problematizam as três áreas envolvidas nessa experiência: espaço, infância e relações étnico-raciais no Brasil. Entendemos que as desigualdades raciais são produzidas por meio de classificações sócio-espaciais racializadas, que não podem ser compreendidas de modo superficial. As ações formativas ocorreram por meio de “encontros reflexivos”, que são contextos de discussão das práticas



pedagógicas. Esses encontros foram realizados com todos os educadores da creche, durante os meses de setembro a novembro de 2016, com o propósito de pensar crítica e colaborativamente sobre o planejamento e a organização dos espaços da instituição. Foram discutidas com os educadores fotos e observações produzidas pelas autoras, problematizando escolhas e localizações de brinquedos, painéis, entre outros elementos espaciais. Os resultados apontaram para a emergência de olhares mais críticos para as questões étnico-raciais presentes na organização espacial reverberando em algumas transformações dos ambientes que levaram em conta aspectos étnicos e culturais dos adultos e crianças que conviviam nessa creche. Acreditamos que essa experiência abre portas para possibilidades efetivas de promoção da igualdade racial na instituição, bem como para a discussão do espaço físico/ambiente como instrumento para a construção de práticas educativas na creche mais inclusivas e equânimes, comprometidas com a educação das relações étnico-raciais.

Palavras-chave: creche, espaço, relações étnico-raciais, infância.

ABSTRACT

This paper discusses an experience of in-service training of educators in a municipal daycare center in Juiz de Fora/MG, focusing on the implications of physical space as an important and indispensable element of the curriculum proposal of care and education of children from 0 to 3 years old. The theoretical and methodological assumptions are anchored in Vygotsky's social-historical-cultural approach, for which the human being is constituted in and by social and cultural relationships marked by their historicity, in dialogue with authors who problematize the three areas involved in this experience: space, childhood and ethno-racial relations in Brazil. We understand that racial inequalities are produced through racialized social-spatial classifications, which cannot be understood in a superficial way. The formative actions occurred through "reflective meetings", which are contexts for discussion of pedagogical practices. These meetings were held with all educators of the daycare center, during the months of September to November 2016, with the purpose of thinking critically and collaboratively about the planning and organization of the institution's spaces. Photos and observations produced by the authors were discussed with the educators, problematizing choices and locations of toys, panels, among other spatial elements. The results pointed to the emergence of a more critical look at ethno-racial issues present in the spatial organization reverberating in some transformations of the environments that took into account ethnic and cultural aspects of adults and children living in this daycare center. We believe that this experience opens doors to effective possibilities of promoting racial equality in the institution, as well as to the discussion of the physical space/environment as an instrument for the construction of more inclusive and equitable educational practices in daycare, committed to the education of ethnic-racial relations.

Keywords: daycare, space, ethno-racial relations, childhood.



1 INTRODUÇÃO

E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.
(Conceição Evaristo, 2008)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais – DCNERER (BRASIL, 2004), que orientam os pressupostos que fundamentam a promulgação da Lei 10.639/03, se constituem em um documento indutor de políticas curriculares educacionais, cujo conteúdo expressa resultados de pesquisas, estudos e lutas de diversos e diferentes agentes reivindicadores da igualdade racial no Brasil que caracterizam o Movimento Negro Brasileiro. Tal política indutora possibilita fortalecer as esperanças em um novo tempo, de uma nova educação e, por conseguinte, de novos modos de relação humana.

As DCNERER trazem em seu bojo o enfrentamento das marcas da colonialidade (QUIJANO, 2010) no campo educacional brasileiro com vistas à sua superação ao propor a reeducação das relações étnico-raciais. Isto implica, necessariamente, repensar o comportamento entre humanos, ou ainda, repensar em quais bases têm sustentado algumas das referências de humanidade, por vezes estruturadas numa perspectiva eurocêntrica. Segundo esse documento, as relações entre negros e brancos, no Brasil, precisam ser reeducadas. Nessa direção, o texto aponta: “têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos.” (BRASIL, 2004, p. 15).

Portanto, parece-nos importante problematizar com os educadores que trabalham com bebês e crianças pequenas em creche, no contexto da formação em serviço, os modos como a organização e a estética dos diversos ambientes educam para as relações étnico-raciais, no sentido de possibilitar-lhes a construção de outros olhares à organização espacial no seu fazer pedagógico. Entendemos que a teoria não deve sobrepor-se às experiências do educador, nem



tampouco as experiências devem fugir da análise crítica. Nesse sentido, a problematização das práticas pedagógicas, em diálogo com a teoria, pode se constituir no principal fator desencadeante de transformação e potencialização das ações dos educadores. Como destaca Bodnar (2013, p. 210), “O ponto de partida para esse diálogo deve ser a própria prática pedagógica, que contem em si uma teoria – que, para se tornar práxis, precisa ser refletida, e, a partir daí, transformada.”

O pressuposto teórico que embasa o presente relato de experiência é a perspectiva histórico-cultural de Lev Vigotski (1896-1934), para a qual o ser humano constitui-se nas e pelas relações sociais e culturais, que são marcadas por suas historicidades e espacialidades. Para o autor (VIGOTSKI, 2010/1935), o espaço só pode ser compreendido a partir das relações concretas estabelecidas com os indivíduos. Em “Quarta aula: a questão do meio na pedologia”, Vigotski explica que o meio (espaço/ambiente/lugar) nunca é estático e absoluto, na medida em que se modifica a cada momento da vida da criança, a partir de suas vivências. Para a criança, o ambiente é o seu mundo, um contexto de interações que vai ganhando novos sentidos conforme vivencia o cotidiano. Nesse sentido, o ambiente e a criança formam uma unidade indissociável, onde cada aspecto só pode ser compreendido na relação com o outro.

Também dialogamos com autores que abordam criticamente a infância, o espaço e as relações étnico-raciais, tais como: Bento (2002); Santos (2007; 2012); Dias (2007); Moreira (2010), e, Trinidad (2011).

A perspectiva de raça adotada neste artigo está assentada nas contribuições do cientista social Aníbal Quijano (2005; 2010), para o qual ração é uma categoria mental, histórica e arbitrariamente construída que se tornou estrutural e estruturadora das relações sociais e intersubjetivas no Brasil, na América Latina e no mundo. A concepção de raça, portanto, não se sustenta na visão predominante nas teorias raciais dos séculos XVIII-XIX (SCHWARCZ, 1993; MUNANGA, 2004), que a apresentavam como uma categoria inata ou biológica. Pelo contrário, raça é concebida como uma categoria relacional (BENTO, 2002), social e histórica que a partir do século XVIII-XIX se reconstituiu com base em atributos corpóreos eurocentrados, dividindo as relações de poder na dicotomia



entre europeus ou brancos x não europeus ou não brancos, e ganhou um tratamento universalizado e construiu tais identidades (QUIJANO, 2005; MUNANGA, 2004).

A opção por trabalhar com a terminação “étnico-racial” justifica-se em adotar a mesma perspectiva das DCNERER (BRASIL, 2004, p. 13), que, em consonância com a perspectiva de Quijano (2005) e de Munanga (2004), explicita que as relações entre negros e brancos no Brasil não são pautadas somente nos atributos corpóreos, mas também na raiz cultural plantada na ancestralidade africana.

Este artigo tem o objetivo de apresentar e discutir uma experiência de formação em serviço de educadores¹ desenvolvida numa creche conveniada do município de Juiz de Fora/MG, a qual visa a problematização dos modos como o espaço físico institucional é organizado e educa bebês e crianças para a educação das relações étnico-raciais.

Tal experiência está inserida num projeto de extensão desenvolvido pelo Grupo Ambientes e Infâncias (GRUPAI), intitulado “Ambientes da infância e a formação do educador de creche” (PROEX/UFJF, 2016-2017), na interface com a pesquisa de doutoramento, desenvolvida pela primeira autora à época (SANTOS, 2018).

2 PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A experiência envolveu pesquisas de campo, observações, fotografias e pesquisa-intervenção. No presente artigo está circunscrita a três “encontros reflexivos”, de duas horas de duração cada, abordando a temática do espaço e as relações étnico-raciais, realizados com os educadores de uma creche conveniada de Juiz de Fora, MG, durante os meses de setembro a novembro de 2016.

Os encontros reflexivos são contextos criados para a reflexão crítica e colaborativa sobre as práticas pedagógicas. Nossa intervenção, portanto, foi propiciar o movimento de ideias, a partir do coletivo, explicitando tensões e conflitos, e a emergência de sentidos outros para aquilo que está naturalizado em

¹ Para fins deste trabalho, são considerados educadores todos os profissionais que atuam na creche: a coordenadora, as professoras, os auxiliares de serviço gerais, as cozinheiras e a assistente administrativa.



termos de prática pedagógica.

Em 2016, a creche atendia a cerca de 150 crianças com idades entre três meses e três anos e onze meses oriundas do bairro onde está localizada e adjacências. A instituição situa-se numa região da cidade que mescla paisagem rural com urbana. É considerada uma das maiores creches da rede municipal em termos de extensão territorial, possuindo vários ambientes: área verde em todo o entorno da edificação, solários, pátios interno e externo, salas de referências (berçários e salas de atividade), brinquedoteca, sala multiuso, sala de artes, sala de leitura, refeitório, sala das professoras, secretaria, banheiros, despensa e cozinha. As salas de referência eram em número de dez, e abarcam agrupamentos de bebês e crianças por faixa etária (BI, BII a, BII b, BII c, 2 anos a, 2 anos b, 2 anos c, 3 anos a, 3 anos b e 3 anos c).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da creche - PPP de 2014, a preocupação com a organização dos espaços era permanente, como pode ser visto no fragmento a seguir retirado desse documento: “(...) também discutimos e refletimos sobre a organização dos diversos espaços da creche e organizamos de dois em dois meses algum espaço para ser modificado” (PPP, 2014, p. 14). A proposição de reorganizar os ambientes permanentemente foi fruto do projeto de trabalho citado, o qual possibilitou aos educadores repensar e redimensionar o papel dos espaços em suas práticas, buscando qualificá-los a partir da participação das crianças e famílias.

É importante dizer que tanto o PPP (CRECHE, 2014) quanto o projeto “Reflexões sobre os espaços” (CRECHE, 2013) aliados ao interesse da direção/coordenação da creche, nos forneceram subsídios para a escolha da instituição onde a intervenção se realizaria.

Segundo nossas observações, as professoras eram em sua maioria negras. À exceção da coordenadora da creche, seis professoras e três profissionais de serviços gerais, dois homens e uma mulher, foram facilmente identificados por brancos em função do tom da pele e dos cabelos lisos ou alisados. As demais profissionais, nove professoras e três funcionárias de serviços gerais, todas mulheres, seguindo o modo de identificação do IBGE, foram identificadas por nós como pretas e pardas, considerando exclusivamente o tom



de pele.

Os bebês e as crianças que frequentavam essa creche também eram em sua maioria negras. Em correspondência com os dados estatísticos da sociedade mais ampla, o número de crianças com a cor da pele parda era superior ao número de crianças com a pele da cor preta e com a pele da cor branca. Esta identificação também se confirmou no PPP: “No que se refere à etnia, as pessoas se declaram em sua maioria pardas, porém há a presença também de pretos e brancos” (PPP da creche, 2014, p. 07).

Por meio de registros fotográficos procuramos problematizar junto ao coletivo de educadores nos encontros reflexivos, o espaço físico/ambiente da instituição parceira a partir dos diversos espaços/ambientes que caracterizam a instituição.

Neste artigo focalizamos a sua estética externa, mais especificamente o ambiente de entrada na creche enquanto primeiro espaço institucional que acolhe crianças, adultos, profissionais, famílias e quaisquer outros visitantes. Em consonância com tal perspectiva, procuramos problematizar a importância também das referências literárias nos processos de educação das relações étnico-raciais de bebês e crianças, enquanto parte integrante do espaço físico.

Na definição de Forneiro (1998), espaço físico institucional não é um recipiente a ser preenchido e também não está circunscrito a elementos físicos. Para ele (FORNEIRO, 1998, p. 233), o espaço “também compreende os objetos do espaço [materiais, mobiliário, elementos decorativos etc.] e a sua organização [diferentes formas de distribuição do mobiliário e dos materiais dentro do espaço].”

O espaço/ambiente é concebido como matéria indivisível na qual e com a qual a humanidade constrói e materializa sua história. Como afirma Santos (2015, p. 1), “a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social”.

De acordo com Fanon (2008, p. 135), “há (...) uma série de proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, aos jornais, à educação, aos livros escolares, aos cartazes, (...) penetram no indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence.”

Entendemos que é por meio e no espaço que se configura a “série de



constelação de dados”, mencionada pelo autor. As obras literárias, os jornais, a educação, os livros escolares, os cartazes, o cinema, a rádio que Fanon menciona são construídos e materializados no e pelo espaço. É também pela disputa dos usos e apropriações de diversos e diferentes espaços de interação humana que o processo de racialização se evidencia. Para Renato Emerson dos Santos (2012, p. 44):

Essa organização espaço-temporal das relações sociais delinea que, nos momentos e lugares em que se define o acesso às riquezas que a sociedade produz (acesso a educação, emprego, saúde, conhecimento e seus instrumentos de produção, posições de poder, etc.), as diferenças raciais são mobilizadas na forma de verticalidades e hierarquias, assim produzindo e reproduzindo inequivocamente as desigualdades raciais.

As desigualdades raciais são produzidas, portanto, por meio de classificações sócio-espaciais racializadas que não podem ser entendidas de modo simples, seguindo a perspectiva de Santos (idem), elas são engendradas em princípios dinâmicos e complexos, que podem se associar a “outras variáveis para compor um sistema de dominação, controle e exploração social.” (idem, p. 48). Permite, por vezes, descaracterizar ou disfarçar a agressividade do racismo.

E, como a raça é uma variável frequentemente associada a outras, um mesmo indivíduo pode, por exemplo, ser classificado branco num contexto e em outro (mais elitizado) ser classificado como “nordestino” (sendo no Rio de Janeiro, ele seria pejorativamente chamado de “paraíba”, o que nesse contexto elitizado corresponderia a ser distinto da elite branca, ou seja, um “não branco”). Não há, portanto, categorias estáticas, ou um único sistema de posições fixas que “aprisione” indivíduos nas suas categorias. (idem)

A categoria mental raça, associada a outras, possibilita um complexo sistema de associações e reassociações que dão mobilidade e diferentes matizes às tessituras espaciais cotidianas. Contudo, ao não prescindir das referências de “branquitude” (BENTO, 2002; FANON, 2008), conferem certa estabilidade de privilégios e dominação socioeconômica do grupo branco. (QUIJANO, 2010).

Problematizamos com o grupo de educadores o planejamento dos ambientes. Questionamos as crenças e concepções de criança e educação que nele estão presentes, indagando o quanto tais ambientes contribuía para a construção das identidades negras das crianças. Problematizamos o espaço



como elemento de disputa, onde se mobilizam e materializam estruturas de poder e intercambiam as mais diversas e complexas interações humanas. No espaço e por meio do espaço as relações étnico-raciais são grafadas (SANTOS, 2012) e mobilizadas nos mais diversos significados e interesses.

Forneiro (1998, p. 231) cita Battini (1982) para afirmar que o espaço é vida, nele a vida acontece e se desenvolve. Ao falar especificamente dos espaços educativos, Forneiro (idem) aponta

Quando entramos em uma escola, as paredes, os móveis e a sua distribuição, os espaços mortos, as pessoas, a decoração, etc., tudo nos fala do tipo de atividades que se realizam, da comunicação entre os alunos (as) dos diferentes grupos, das relações com o mundo externo, dos interesses dos alunos e dos professores (as).

Na mesma direção, Moreira (2011), fundamentada em Lefebvre, argumenta que o espaço é processual. Ao investigar o processo de apropriação do espaço por educadores de uma creche institucional, a autora apontou que o desenvolvimento infantil ocorre em cenários e ambientes culturalmente organizados, os quais afetam esse processo. Nesta perspectiva os arranjos espaciais, isto é o modo como os objetos e mobiliários estão dispostos e são utilizados, interferem significativamente nos processos de desenvolvimento das crianças.

A grafagem do espaço da creche é um dos instrumentos de desenvolvimento, cuidado e educação dos bebês e crianças, assim como revela e interfere nos modos como adultos e crianças se relacionam. A autora (idem) aponta ainda, fundamentada naquele autor, que os espaços construídos seguem a lógica dos modos de produção da sociedade em que se encontram, no entanto, nem sempre essa relação é explicitada. O espaço, compreendido como produção social, ao mesmo tempo em que revela suas intenções, também as esconde.

Com base em tais pressupostos, temos refletido sobre a estruturação sócio-espacial da creche quanto aos modos como seus ambientes educam as relações étnico-raciais. Neste trabalho, especificamente, abordaremos alguns ambientes nos quais elementos sócio-espaciais foram problematizados com os educadores.

No primeiro semestre do ano de 2016, havia na entrada da instituição um



pequeno jardim com bonecos da “Branca de Neve e os sete anões” (Figura 1). No outro lado da parte externa, na lateral da instituição, havia a imagem de uma menina negra com um tambor, caracterizando a personagem do livro “A menina e o tambor”. A pintura estava desgastada, quase invisível, demonstrando-se frágil para contribuir com a afirmação da identidade negra das crianças na creche, sobretudo se comparada à imagem da Branca de Neve, localizada em uma área visível a todos, em um lugar que todos precisavam passar para estar na creche.

Figura 1 – Entrada da creche



Fonte: Produzida pelas autoras (2016)

“A menina e o tambor” só podia ser vista quando havia um deslocamento intencional àquela área, realizado poucas vezes pelas professoras. O que mostrava não apenas uma diferença física entre a localização das duas figuras, mas também na dimensão temporal e funcional de ambos os espaços.

Couto e Campos (2009), ao trabalharem com o conto da Branca de Neve em uma creche com crianças de cinco e seis anos, relatam que, após a leitura da história, elas pediram que as crianças escolhessem personagens da mídia para representarem os papéis na história. Em um segundo momento, foi realizada uma dramatização da história. Em ambos os momentos houve o predomínio da perspectiva europeia na qual os personagens negros foram rejeitados. No caso da dramatização, uma criança negra não foi aceita para desempenhar o papel da Branca de Neve claramente por ser negra, algo que aponta a influência literária como referência estética e ética na sociedade.



Outros trabalhos que investigaram as relações étnico-raciais na Educação Infantil (QUEIROZ, 2011; TRINIDAD, 2011; DIAS, 2007) também apontam a simbologia da personagem clássica da Branca de Neve como uma grafagem sócio-espacial frequente, ou seja, estão em cartazes, painéis e bonecos, presentes na estética das instituições educacionais. Tais pesquisas ressaltam que a presença quase unívoca de tais personagens europeizadas reforça a estética branca como padrão normativo. Consideramos importante ressaltar que a crítica não se centra na presença de tais histórias e personagens, mas à sua presença aliada à ausência ou de personagens negros brasileiros e africanos representados com o mesmo caráter valorativo.

Na medida em que crianças e bebês são interlocutores de textos e imagens que podem ser usadas como referência valorativa, a literatura infantil na creche é importante para a educação das relações étnico-raciais. Os personagens presentes na literatura infantil são formas simbólicas que traduzem modos de ver e, por vezes, construir relações e referências horizontalizadas ou verticalizadas de si mesmo e dos outros (QUEIROZ, 2011).

Araújo (2010, p. 67) aponta “a desigualdade na caracterização de personagens negras em relação a brancas, aliada à estereotipia e explícitas manifestações racistas, fizeram da literatura um dos maiores fomentadores do preconceito racial no Brasil”. Parte importante do processo de educação das relações étnico-raciais é o posicionamento crítico do professor. Manter exclusivamente ou majoritariamente a presença de literatura europeizada apresenta o espaço de cuidado e educação como experiência estética, afetiva e espacial predominante da população branca. É necessário trabalhar textos clássicos, como “Branca de Neve e os sete anões” de modo simultâneo a literaturas que possibilitam abordagens afirmativas a outros povos, não somente o europeu, levando em conta a proposta desse trabalho, mais especificamente, personagens africanos e da diáspora africana, tais como “A menina e o tambor”.

Ao longo de nossa intervenção, os educadores da creche demonstrou seu envolvimento com tal posicionamento favorável à igualdade entre bebês e crianças negras e brancas ao realizar alguns deslocamentos e mudanças na estética dos espaços físicos. Já no segundo semestre do ano de 2016, houve não



só a revitalização da imagem da pintura “A menina e o tambor”, como também o investimento em pinturas de diversos e diferentes personagens presentes na literatura infantil atual, inclusive personagens negros (Figura 2). A porta de entrada da creche foi pintada com a imagem de uma menina e um menino, ambos negros. Tais expressões são importantes para o acolhimento e a identificação da comunidade à qual a creche está situada e com a qual interage cotidianamente.

Figura 2 – Muro de entrada da creche revitalizado



Fonte: Produzida pelas autoras (2016)

Nas salas da creche estavam disponíveis alguns livros, porém grande parte da literatura situava-se em um espaço de leitura. Essa sala possuía um mural com o nome do ambiente e a figura de duas crianças preso na porta. As imagens das duas crianças que apareciam no mural da sala de leitura eram de crianças brancas nas quais o menino estava lendo o livro “Rei Leão”, e a menina, a “Boneca Preta”. Havia ausência de qualquer referência africana ou afro-brasileira nas imagens utilizadas para a confecção do mural. A menina lendo “Boneca Preta” remete a lembrança do livro “Bonequinha Preta”, que é a história de uma criança branca dona de uma boneca preta. O livro apresenta com isso, ideias de hierarquização entre brancos e negros e apresenta o negro em uma condição diferente do humano, próximo ao objeto. Contudo, o livro também apresenta uma relação de ternura entre as personagens e a afirmação da boneca preta como inteligente, esperta e alegre, trazendo ainda para a história a presença negra, apesar da condição desigual. Pode ser que esses aspectos afirmativos tenham levado a equipe pedagógica da creche salientar essa história no mural, uma tentativa de



representar a população negra.

Dentro da *Sala de Leitura* havia também toda uma estética europeizada. Era um espaço acolhedor, de aconchego e acolhimento, trazendo um sentimento de infância. Porém, essa estética apresentada reforça a população branca como referência normativa.

Em uma instituição na qual predominam crianças negras, há uma segregação dos espaços no mesmo espaço, reflexo da desigualdade social que assola a nossa sociedade.

A colonialidade do poder, base na qual o racismo opera (QUIJANO, 2005), produz hierarquias sociais que pluralizam as experiências e produzem formas complexas de interação social e de manutenção dos padrões de dominação. Nas palavras de Santos (2012, p. 42), “nossos esforços devem orientar-se para a compreensão das combinações e superposições de hierarquias definindo múltiplos eixos de subalternização e discriminação de indivíduos e grupos”. Logo, para a ruptura com esses padrões de poder, ruptura essa necessária para a efetivação de direitos historicamente negligenciados, é necessário reconhecer as intenções de ruptura como bases necessárias para o desenvolvimento das ações. Mas, igualmente necessárias são as políticas públicas de formações específicas e de indução de práticas pedagógicas igualitárias. Essas, de acordo com a lei 10.639/03 são de responsabilidade legal dos órgãos gestores.

Queiroz (2011, p. 45) apresenta, por exemplo, em sua pesquisa de mestrado a situação de uma menina negra que se dirigiu a sua professora também negra e lhe disse: “Tia, tia, você é muito linda, você é a Branca de Neve.” A criança utilizou as referências que naquele momento lhe eram apresentadas e subverteu a lógica da “Branca de Neve” enquanto representação exclusiva da população branca. Embora não possa subverter o ideal de beleza subjacente ao conto, o utilizou também para a população negra. Obviamente, essa situação não encerrou o contexto ideológico de colonialidade do poder subjacente aos modos como os contos de fadas europeizados tem sido trabalhados no campo educacional (ARAÚJO, 2010), mas demonstrou o potencial de reinvenção do sujeito, principalmente da criança.

No desenrolar da intervenção, tivemos a oportunidade de refletir conjunta



e criticamente sobre a estética eurocêntrica do espaço de leitura. As problematizações permitiram-nos perceber que há um investimento institucional na compra de literatura infantil afro-brasileira. Porém, o manuseio dessa literatura por parte das professoras, bebês e crianças é atravessado por questões de organização do acervo e do funcionamento da rotina institucional que evidenciam, por outro lado, que a hegemonia da estética eurocêntrica ocorre de modo naturalizado, não intencional, mas também pouco refletido, pouco analisado criticamente.

Nessa direção, os momentos de reflexão crítica potencializaram as oportunidades de revisão e transformação dos espaços/ambientes de modo a promover o cuidado e a educação dos bebês e crianças, considerando que esses sujeitos e suas infâncias são construídos e atravessados pelos avanços, retrocessos, soluções, mas também problemas presentes na sociedade da qual fazem parte, em especial neste relato de experiência, destacamos o atravessamento das questões étnico-raciais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo como os currículos educacionais, mais especificamente neste relato de experiência, da creche, aborda a educação das relações étnico-raciais pode favorecer ou desfavorecer a capacidade de reinvenção e autoafirmação de adultos e crianças. Como nos afirma Santos (2007) existem relações entre centro e periferia. E, nesse contexto, a afirmação da população negra em igualdade à afirmação da população branca não parece ocupar uma posição de centro. As crianças negras e as famílias negras estão ali, constituem-se maioria quantitativa, mas não vivenciam representações equivalentes.

A partir das reflexões realizadas entre as autoras e os educadores, podemos considerar que a invisibilidade da população negra nas estéticas dos espaços físicos da creche integrante da pesquisa ocorria de modo naturalizado. Fator que reitera, não só a necessidade de revisão da perspectiva universalista de criança e infância, posto que tal premissa não é neutra; ao contrário, privilegia o grupo populacional branco, como também a necessidade de criticar o mito da democracia racial, evidenciando o papel histórico que tal ideologia opera no que



tange a perpetuação do racismo, mais diretamente dos privilégios e hegemonia representativa da população branca na estética sócio-espacial, sobretudo na estética dos ambientes de cuidado e educação de bebês e crianças.

Segundo Dias (2007, p. 193), a formação de professores pode favorecer o olhar crítico quanto à valorização excessiva da estética branca na literatura tradicional, potencializando a criatividade e busca de novas estratégias. Relata em sua pesquisa o caso de uma professora que trabalhou o conto de fada clássico “Rapunzel” mudando as características fenotípicas da protagonista.

Na mesma direção construída pela professora Fama, apresentada por Dias (idem), o mercado editorial tem apresentado releituras atuais de contos de fada clássicos com vistas à valorização da estética afro-brasileira, tais como “Cinderela e Chico Rei”, “Rapunzel e o Quibungo”.

Esperamos que essa experiência fortaleça discussões e contribua para a transformação de práticas pedagógicas na creche mais inclusivas, democráticas e comprometidas com a educação para as relações étnico-raciais.

Agência financiadora: PROEX/UFJF e CAPES



REFERÊNCIAS

ARAUJO, Débora Cristina de. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação da Universidade Federal do Paraná, 2010.

_____. **Pesquisas sobre Literatura Infanto-juvenil e Relações Raciais**: um breve estado da arte. 34ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd. Natal, 2011. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT21/GT21-35%20int.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2014.

BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e branquitude no brasil. In: _____; CARONE, Iray. (Orgs.) **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 25-58.

BODNAR, R. T. M. (2013). Relação teoria e prática na formação em serviço de profissionais da educação infantil: ressignificando a prática pedagógica. In E. A. C. Rocha & S. Kramer (orgs), Educação infantil: enfoques em diálogo (3a ed.) (pp. 195-210). Campinas, Papirus.Brasil (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC.

BRASIL. Diretrizes **Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

COUTO, M. E. S., CAMPOS, G. V. **Os Contos de Fadas: a Leitura e a Construção do Imaginário Infantil**. Universidade Estadual de Santa Cruz/UECS, CONLIRE, 2009. Disponível em www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-29.pdf, acesso em 21 de abril de 2015.

CRECHE. **Reflexões sobre os espaços**, 2013.

_____. **Projeto Político Pedagógico**, 2014.

DIAS, Lucimar Rosa. **No fio do horizonte**: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. São Paulo: Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala,2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, Miguel A. (org.). **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 229 – 282.

MOREIRA, Ana Rosa Costa Picanço. **Ambiente da Infância e Formação do Educador**: Arranjo Espacial no Berçário. 188f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.



MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB 5**. Niterói: EduFF, 2004.

QUEIROZ, Cláudia Alexandre. **De uma chuva de manga ao funk de Lelé: imagens da afrodiáspora em uma escola de Acari**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latino-americanas. Argentina: **CLACSO**, 2005. p. 227-278. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>> Acesso em: 10 de dezembro de 2015.

_____. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

ROSA, Aretusa Santos. **A educação das relações étnico raciais na infância de 0 a 03 anos, uma leitura a partir do espaço da creche**. Qualificação do Projeto de Tese (doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Aretusa. **Educação das relações étnico-raciais na creche: o espaço-ambiente em foco**. 236f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método**. Disponível em: <<http://ricardoantasjr.org/wp-content/uploads/2013/05/forma%C3%A7%C3%A3o-socioespacial-come-teoria-e-come-m%C3%A9todo.pdf>> Acesso em 20 de outubro de 2015.

SANTOS, Renato Emerson dos. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: _____ (org.). **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Al; Brasília, DF : ABPN, 2012, p. 36-67.

_____. (Org). O ensino da geografia no Brasil e as relações raciais: reflexões a partir da lei 10639/03. In: _____ (org.). **Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.d

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo da raça: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços educação infantil**. 221f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

VIGOTSKI, L. S. _____. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v.21, n.4, p. 681-701, 2010. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. Original: 1935.